



©Pedro Loureiro

LUÍS CORREIA CARMELO

«Estou prestes a trocá-la por uma mais nova»

Passa a vida a contar histórias, é isso?

Agora, por causa dos estudos, só nos tempos livres. E antes, só em horas de expediente. Sou muito cioso dos meus direitos laborais. Pensando nisso, enquanto artista intermitente, acho que não os tinha.

Que tipo de histórias?

Sempre privilegiei narrativas de inspiração tradicional, como contos e lendas. Lentamente, as originais foram ganhando terreno, como é o caso das *Contatinas*. Mas sempre com um sabor a «era uma vez». Gosto de coisas que já se passaram há muito tempo. É essa distância que me permite sonhar, e pensar.

E onde é que a concertina entra na sua história?

No Soajo, onde a comprei a um senhor que as revende. Uma *Hobner Corso*. Foi amor à primeira vista. Aprendi a tocar com ela. Foi com ela que criei as *Contatinas*. E estou prestes a trocá-la por uma mais

nova. Enfim, ando a ver se lido com a culpa.

O que podemos esperar de *Contatinas*?

Gente. Era o que eu gostaria.

Está neste momento a fazer um doutoramento sobre narração oral contemporânea. Qual é a sua tese?

Que o que temos chamado «narração oral» é uma disciplina artística que, no seio das artes performativas, carece de um edifício teórico específico.

Que escritor o tira do sério?

O que escreve as cartas inenarráveis das Finanças e da Segurança Social. Será o mesmo?

Tem um palpite para o próximo Nobel da Literatura?

Voto no lugar de palpito? Eduardo Galeano.

Que frase mais o irrita?

Qualquer uma que tenha a palavra «empreendedor».

E a que mais o comove?

Aquelas que não são ditas.



Há quase uma década que Luís Correia Carmelo (n. 1976) percorre o País a contar histórias. Parte delas está agora reunida em *Contatinas*, o quarto título da coleção «HOT – Histórias Oralmente Transmissíveis», editada pela Boca em parceria com o Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

De quem é que já não espera mesmo nada?

Não é uma pessoa, é toda uma classe. E é triste, porque induz a uma letargia.

O que anda a ler?

Richard Schechner, *Performance Theory*.

E o que devia ler?

Tenho sido disciplinado.

O que se arrepende de ter lido?

Isso é possível?

O que não devia estar no seu BI?

É o cartão de cidadão: um círculo com 12 estrelas.

O que devíamos ter perguntado logo de início?

Se estou satisfeito com o rumo que segue o País.

Venha a resposta.

Alguém está?

Onde estava em 1987?

Folheando a *Turma da Mônica*.

Andamos aqui há 25 anos, acredita?

Ainda bem que não ganharam juízo.